

REDES GEOGRÁFICAS DA SUINOCULTURA NO OESTE CATARINENSE

Alisson Henrique Bavaresco¹

RESUMO

O presente artigo é fruto de nossa pesquisa de mestrado no programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE na qual buscou-se compreender as mudanças e permanências na produção de suínos da região Oeste catarinense ao longo do tempo. Dentre os aspectos analisados, procuramos identificar a formação das redes geográficas que atuam em torno da produção de suínos no Oeste catarinense. Este artigo é parte de nosso trabalho de Mestrado e se justifica pela importância que a suinocultura possui na dinâmica econômica, social, política e cultural da região em estudo. O trabalho tem como base metodológica a revisão bibliográfica do tema.

PALAVRAS CHAVE: Redes; Suinocultura; Oeste Catarinense.

1. INTRODUÇÃO

As redes possuem papel fundamental na formação e desenvolvimento dos processos produtivos, em especial da suinocultura, pois possibilitam a abertura de novos mercados consumidores e de relações comerciais e produtivas na obtenção de tecnologias e inovações, bem como elas se inserem num importante instrumento metodológico na compreensão dos processos produtivos e do desenvolvimento capitalista.

Na cadeia produtiva da suinocultura do Oeste catarinense é possível destacar diversas redes que atuam sobre o processo produtivo. Dentre elas as redes de transportes que atuam tanto na fase primária da produção, levando até as propriedades os insumos como a ração animal e destinando os animais até as agroindústrias para o abate. Além disso, estão relacionados à comercialização até as redes atacadistas e mercados exportadores.

Ainda encontramos as redes de comunicação e informação que ocorrem através da atuação dos técnicos e profissionais da área que atuam em nome das empresas agroindustriais ou até mesmo do governo, levando até os suinocultores informações de técnicas de manejo, qualidade sanitária e de bem-estar animal, melhorando assim a produtividade e por consequência a rentabilidade dos produtores.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ademais, podemos destacar as redes de circulação financeira que são características da atuação dos bancos, tanto estatais como de iniciativa privada, além das cooperativas de crédito que atuam através do financiamento da produção, principalmente na manutenção do capital depredado ou na realização de novos investimentos, tanto nas propriedades como nas agroindústrias.

O presente texto busca representar a organização das redes geográficas em torno da produção de suínos no Oeste de Santa Catarina, tendo como metodologia a organização de um referencial bibliográfico acerca do tema com autores que trabalham com o assunto. Diante disso buscou-se os trabalhos de Dias (2017), Mior (2005; 2010), Goularti Filho (2016) e Castells (2020).

Na primeira parte apresentamos os principais conceitos de redes geográficas. Em seguida analisamos os tipos de redes que atuam no Oeste de Santa Catarina, dando destaque para a formação das redes verticais de produção na qual a suinocultura faz parte.

Em seguida realizamos a explanação do desenvolvimento das agroindústrias como fator essencial na organização e na expansão das redes geográficas da suinocultura no Oeste catarinense.

2. AS REDES GEOGRÁFICAS

As redes possuem um papel importante na formação territorial brasileira, pois estão associadas aos processos de urbanização e de integração do mercado nacional, eliminando as barreiras de todas as ordens que separavam as regiões produtivas (Dias, 2017) interligando as regiões e formando um único mercado nacional. No entanto, a importância das redes se resume apenas ao urbano, se estende sobre o espaço rural, integrando ao urbano e criando diferentes elementos que o compõe e o redimensiona.

À presença inicial das ferrovias e das rodovias, que irrigavam o país em matérias-primas e mão-de-obra, se superpõem, na atualidade, os fluxos de informação – eixos invisíveis e imateriais certos –, mas que se tornaram uma condição necessária a todo movimento de elementos materiais entre as cidades que eles consolidam (Dias, 2017, p. 150).

O autor destaca ainda,

Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política

destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise a suplementação do espaço e invalidação do tempo. Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder. As conexões que ligam as redes, representam os instrumentos privilegiados do poder. Assim, os conectores são os detentores do poder (Castells, 2020, p. 554).

Deste modo, consideramos as redes como sendo forma de ordenação das relações de poder nas sociedades da atualidade, por serem precursoras de uma nova dinâmica social em que o capitalismo se encontra em nova fase, na qual a estrutura social globalizada e a economia mundial com base no sistema financeiro se organizam em torno de uma infinita gama de redes de informações, comunicação, bens e serviços. Diante disso, as redes se tornam de significativa importância na análise das estruturas produtivas, no nosso caso a suinocultura.

Com as transformações ocorridas nas últimas décadas no mundo com significativos avanços tecnológicos e inovações nos transportes e comunicações passaram a alterar significativamente as relações sociais e econômicas entre sociedades localizadas geograficamente em longas distâncias. Cada vez mais a distância geográfica deixa de ser um empecilho ao desenvolvimento e passa a ser apenas mais uma característica cartográfica. A ampliação das navegações no século XVI, as estradas de ferro no século XIX, bem como rodovias e a aviação no século XX foram fundamentais para ligar territórios distantes possibilitando cada vez mais a circulação de mercadorias, pessoas e informações.

O desenvolvimento das comunicações como o telégrafo, posteriormente o telefone e mais recente ainda a rede de internet, organizou-se uma gama de redes de comunicações levando informações para as diversas e mais distantes regiões do mundo. “Todas essas inovações, fundamentais na história do capitalismo mundial, se inscreveram e modificaram os espaços nacionais, doravante sulcados por linhas e redes técnicas que permitiram maior velocidade na circulação de bens, de pessoas e de informações” (Dias, 2017, p. 142)

Esses avanços nas redes de comunicações e transportes, desenvolvidos principalmente no século XX, além de redesenharem o mapa do mundo, dos países e das regiões, organizaram cada vez mais processos de múltiplas ordens, de integração produtiva, de integração de mercados, de integração financeira e de informação (DIAS, 2017). Mas da mesma forma que geraram processos de integração entre regiões e

setores, geraram também “processos igualmente de desintegração, de exclusão de vastas superfícies do globo [...]” (Dias, 2017, p. 147).

2.1. As Redes Geográficas na Suinocultura do Oeste Catarinense

Diante da temática da organização em redes da produção de suínos do Oeste catarinense buscamos como referência a análise de Mior (2010), na qual destaca a existência de pelo menos dois tipos de redes de desenvolvimento atuando de forma simultânea, na regiões Oeste catarinense, sendo elas: as redes verticais e as redes horizontais (Mior, 2010).

A principal diferença entre elas são que as redes verticais se caracterizam tradicionalmente dentro de um recorte setorial, a partir da abordagem da cadeia de *commodities*, já as redes horizontais têm sido abordadas num recorte territorial, a partir da noção de redes sociais de inovação e aprendizagem (Mior, 2010).

Deste modo as redes verticais são representadas pela organização das grandes agroindústrias convencionais que atuam na região, já as redes horizontais caracterizam por representarem as agroindústrias familiares (Mior, 2010). As redes horizontais se encontram em um considerável processo de transformação na região Oeste catarinense (Mior, 2010), pois são consideradas como uma alternativa à organização das redes verticais que acabam submetendo os agricultores familiares nas mãos das grandes agroindústrias, apesar disso “é a ação estratégica da agroindústria convencional que acaba influenciando o padrão de desenvolvimento da agroindústria familiar” (Mior, 2010, p. 10) do Oeste catarinense.

Explorar o contexto da mudança agroindustrial na região Oeste catarinense exige, portanto, uma análise do inter-relacionamento entre as estratégias de ação destes agentes nas diversas escalas espaciais. Na região co-existem agroindústrias convencionais que estão ligadas ao mercado europeu de carnes (com a tendência pós-fordista) e, ao mesmo tempo, ao mercado brasileiro, que estaria em transição. Existe ainda uma série de agroindústrias de pequeno porte ligadas à produção de derivados de leite (queijos, iogurte, requeijão) voltada para mercados de nicho (produtos coloniais e artesanais) mas também para o mercado tradicional de commodities, como é o caso de queijo para pizzarias (Mior, 2010, p. 7).

A implementação das agroindústrias rurais tem sido uma alternativa adotada pelos agricultores familiares do Oeste de Santa Catarina no intuito de evitar a

subordinação ao modelo convencional de produção desenvolvido e fomentado pelas grandes agroindústrias, criando assim novas redes de desenvolvimento rural (Mior, 2010). Apesar disso, a maior parte dos agricultores e a população em geral, vem igualando desenvolvimento à intensa capitalização das propriedades (Mior, 2010), na qual os agricultores acabam tendo a tendência a integrar-se ao mercado de *commodities* e por consequência tornando-se subordinados ao capital industrial.

Tal perspectiva questiona o entendimento do que constitui desenvolvimento rural, em particular na esfera agrícola, onde desenvolvimento tem sido igualado a intensa capitalização em direção às grandes unidades de produção e ao declínio do poder do trabalho. Agora o desenvolvimento adequado é aquele estabelecido pelas novas redes de inovação. Tais redes seriam mais facilmente construídas em áreas que conservaram uma estrutura industrial flexível baseada em um grande número de pequenas unidades de produção (Mior, 2010, p. 2).

Neste quesito, tanto os produtores de suínos integrados quanto os independentes estão subordinados a esses processos de “desenvolvimento” até os dias atuais. É praticamente nula, no Oeste, a atuação das redes horizontais em torno da suinocultura. Devido as características do setor, ela acaba abarcando outras atividades, especialmente a produção de leite e hortifruti.

Estes diferentes padrões de articulação entre agricultura, agroindústria e território, refletem um processo onde co-existem pelo menos dois padrões de desenvolvimento rural e organização da produção (Mior, 2010). Primeiro, aquele influenciado pelos modelos internacionais de organização da produção e consumo alimentar, e em segundo padrões diferenciados de produção e de desenvolvimento associados à tradição e culturas alimentares locais (Mior, 2010).

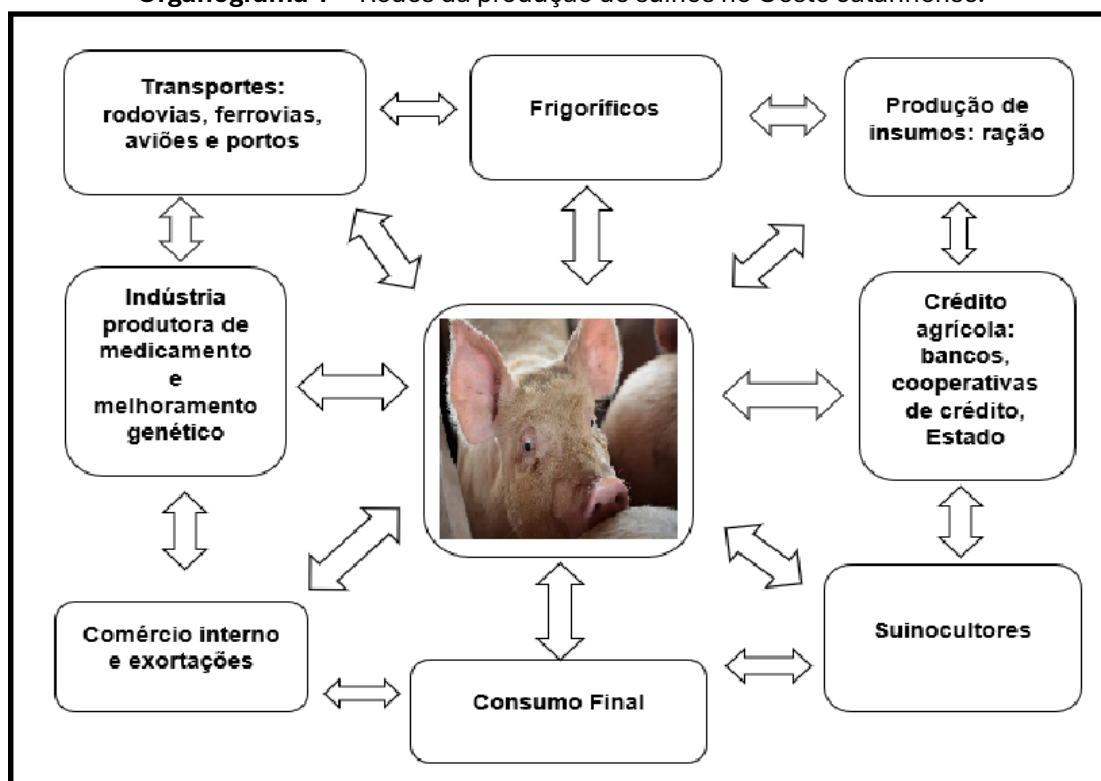
Portanto, na região Oeste existe um processo de estandartização da produção e dos mercados consumidores, promovida pela grande agroindústria convencional, assim como um processo de re-valorização da diversidade ecológica e sócio-cultural promovido por outros atores regionais. A constituição destas agroindústrias familiares torna-se um importante processo de transformação territorial [...] (Mior, 2010, p. 7).

As redes convencionais de desenvolvimento rural que desenharam e desenharam o modelo da produção suinícola da região Oeste catarinense começaram a ser tecidas ainda nos anos de 1940 (Mior, 2010). No início eram redes de pequeno alcance que envolviam um reduzido número de produtores e intermediários, com poucos produtos derivados dos suínos, com destaque para a banha de porco que era o principal produto comercializado (Mior, 2010).

Com o desenvolvimento das agroindústrias na região a organização em redes da suinocultura passou a ser cada vez mais complexa, abarcando, atualmente, centenas de atores, destes produtores primários, a intermediários como comerciantes, transportadores, frigoríficos e além de uma gama de outros serviços e setores que se inserem nas mesmas redes.

Usando a linguagem da teoria ator-rede, foi um processo bem sucedido de construção e estabilização de redes conectando espaços de produção e de consumo através de uma miríade de atores (produtores de insumos, agricultores, técnicos, trabalhadores industriais, engenheiros, motoristas de caminhão...) e intermediários (aviões, caminhões, câmaras frias, contratos de fornecimento de uma variada gama de produtos e insumos) dentro de uma estratégia de negociação permanente entre o ator-mundo e os outros atores e intermediários (Mior, 2005, p. 123).

Organograma 1 – Redes da produção de suínos no Oeste catarinense.



Fonte: Elaborado por Bavaresco, 2020.

As redes que envolvem a produção de suínos no Oeste catarinense são, na sua maioria, classificadas como redes verticais de desenvolvimento rural já que se caracterizam por um modelo de desenvolvimento pautado nos moldes internacionais, organizados em setores produtivos e direcionados pelos grandes conglomerados agroindustriais conforme destaca Mior (2010) tornando a atividade suinícola cada vez

mais subordinada ao capital industrial, fazendo da lógica da acumulação capitalista, como padrão no desenvolvimento rural da região.

A organização em redes geográficas na suinocultura surge ainda nos primórdios da ocupação capitalista da região, mesmo que tímida, a simples estrutura de compra e venda dos suínos pelos comerciantes nos anos de 1940 e 1950 já se considerava uma organização em rede. Com o desenvolvimento industrial e a posterior modernização da agricultura brasileira tornaram as redes geográficas mais complexas e abrangendo um considerável número de sujeitos e setores econômicos se envolvendo direta e/ou indiretamente na cadeia produtiva da suinocultura.

Atualmente, as redes geográficas da suinocultura são tão complexas que praticamente nos impossibilitam de calcular um número exato de sujeitos que participam do processo produtivo, mas que pelos números do Produto Interno Bruto - PIB agropecuário regional podemos considerar como sendo uma atividade de alto valor econômico no desenvolvimento da região. Gerando empregos além do campo, mas também fora da porteira, que é uma situação característica do sistema capitalista moderno.

Conforme observamos no organograma a produção de suínos abarca em sua atividade inúmeras outras em seu território de atuação, desde os produtores de suínos, até comerciantes, transportadoras, bancos, indústrias de vários segmentos, desde as mais simples como a produção de ração animal até as de alto valor tecnológico como as produtoras de genética, medicamentos e tecnologias, até chegarem os produtos aos consumidores finais.

Essas transformações na organização das redes da suinocultura consideramos como uma das principais mudanças ocorridas nas últimas décadas na cadeia produtiva, já que nos primórdios essas redes se organizaram de forma mais simples e envolvendo poucos sujeitos. Desta forma, conseguimos ainda analisar que apesar das mudanças na intensidade e na complexidade das redes além do aumento no número de sujeitos envolvidos na produção, a suinocultura do Oeste catarinense apresenta ainda características que permaneceram intactas ao longo do tempo, ou seja, em nenhum momento a cadeia produtiva da suinocultura foi uma atividade essencialmente desenvolvida dentro da propriedade rural mas sempre dependeu e continua a depender de outros atores para se produzir e reproduzir, sendo desde sua essência uma produção

organizada em redes. Ademais, consideramos como uma característica que permaneceu, a organização em torno da propriedade familiar, que continua sendo a principal percursora, na parte rural, da suinocultura. Possui, é claro, a tendência de se extinguir, já que a concentração produtiva tem sido forte nos últimos anos, apesar disso, ela permanece como a fonte básica e, talvez, a forma mais simples e eficaz das agroindústrias adentrarem no meio rural.

2.2. As Agroindústrias e a Formação de Novas Redes no Oeste de Santa Catarina

Ao longo da história diversas pequenas agroindústrias processadoras de carnes surgiram no Oeste de Santa Catarina, principalmente nas décadas de 1940 e 1950. Na sua maioria empresas familiares que através da acumulação de capital oriunda da atuação comercial passaram a expandir os negócios, via aquisições de outras empresas, até se tornarem grandes grupos industriais. “A região abriga o maior complexo de produção, abate e transformação de carne suína e de aves do Brasil e América Latina” (Mior, 2010, p. 5) se notabilizando nacionalmente e mundialmente “[...] por ser pioneira no estabelecimento de um bem sucedido sistema de integração agroindustrial entre grandes agroindústrias e a agricultura familiar [...]” (Mior, 2010, p. 5).

As agroindústrias regionais trilharam o caminho da concentração de capital, formando grupos com atuação nacional e internacional, como é o caso da Sadia e Perdigão, atuando em diferentes segmentos, além do beneficiamento de suínos, a de aves, bovinos, lácteos e grãos. Essa dinâmica de concentração da produção se insere nas intensas transformações da produção do setor alimentício mundial. Esse movimento de concentração produtiva “[...] ocorre paralelamente a uma multiplicação de fusões e aquisições, que modificam as estruturas produtivas e fazem crescer a parcela do mercado ocupada pelas grandes empresas” (Coletti; Lins; 2011, p. 342).

Em poucas décadas, um conjunto de empresas com origem quase que contemporânea da colonização da região passa a ocupar posições de liderança no mercado nacional de abate, processamento e industrialização de carnes. O processo de ocupação dos espaços econômicos regional, nacional e, agora, internacional, por parte da agroindústria convencional da região, é memorável (Mior, 2005, p. 123).

A concentração agroindustrial da região encontra-se em um estágio avançado na qual se confirma pelo fato de apenas quatro empresas dominarem o setor de abate de suínos na região, sendo elas: a BRF, união entre Perdigão e Sadia, a Cooperativa Central

Aurora (ambas oriundas da própria região), além de duas de capital externo, sendo a Bunge e a Cargill (Coletti; Lins; 2011), além da JBS, que adquiriu a Seara Alimentos em 2016.

Quadro 1 – Centralização das agroindústrias de carnes no século XX.

Grupo	Empresa Adquirida	Área	Ano	Localidade
Sadia	Marciliense	Farinha de trigo	1953	Marcelino Ramos (RS)
	Toledo	Suínos/ração	1964	Toledo (PR)
	Várzea Grande	Bovinos	1976	Várzea Grande (MT)
	Incobrasa	Soja	1979	Joaçaba (SC)
	Damo	Industrializados Suínos	1980 1989	Duque de Caxias (RJ) Frederico Westphalen (RS)
	Três Passos Corcovado Sudanisa	Suínos Ração/soja Bovinos	1985	Três Passos (RS) Três Passos (RS) Barra do Garças (MT)
	Mouran	Bovinos Bovinos	1989	Andradina (SP) Araçatuba (SP)
	Chapecó	Aves	1989	Francisco Beltrão (PR)
	Wilson	Suínos Bovinos	1992	Ponta Grossa (PR) Maringá (PR)
	Copaza	Soja	1991	Campo Grande (MS)
	Comabras	Suínos industrializados	1992	Ponta Grossa (PR) São Paulo
	Rezende	Aves/suínos	1999	Uberlândia (MG)
Perdigão	Unifrico	Suínos	1977	Salto Veloso (SC)
	Armazém Medianeira	Ração	1979	Medianeira (PR)
	Catanduva	Ração	1979	Catanduva (SC)
	SaullePagnocelli	Suínos	1980	Herval d'Oeste (SC)
	Reunidas Ouro	Suínos	1980	Capinzal (SC)
	Suely	Ração	1984	Orleans, Içara, Jaguaruna, Taió (SC)
	Canta Galo	Aves	1984	Criciúma (SC)
	Cooperativa Taparese	Grãos	1985	Gaurama, Severiano de Almeida e Aratiba (RS)
	Borela	Aves/grãos	1985	Marau (RS)
	Frigoplan	Bovinos	1986	Lages (SC)
	Ideal	Aves	1988	Serafina Corrêa (RS)
	Utinga (Swift)	Industrializados	1989	Santo André (SP)
	Avisco	Aves	1989	Ipê e Rio Claro (SP)
	Batavia	Aves	1999	Carambeí (PR)
Ceval	Extrafino	Óleo Vegetal	1974	Chapecó (SC)
	Barriga-verde	Ração	1976	Chapecó (SC)
	Seara	Suínos	1980	Seara (SC)
	Frill	Aves	1980	Joaçaba (SC)
	Safrita	Aves/suínos	1981	Itapiranga (SC)
	Rio da Luz	Suínos	1983	Jaraguá do Sul (SC)
	Germani Cia	Milho	1988	Sarandi (RS)

	La Villette	Suínos	1988	São Paulo (SP)
	Mogiana	Aves	1989	Nuporanga (SP)
	Contibrasil	Aves	1989	Jacarezinho (PR)
	Swift	Suínos/ração	1989	Marechal Cândido Rondon (PR)
	Bordon	Suínos/aves/ Bovinos	1990	Dourados (MS)
	Guipeba	Soja	1995	Argentina
	Eliane	Suínos/aves	1995	Criciúma (SC)
Chapecó	Fricar	Suínos	1982	São Carlos (SC)
	Amparo	Aves	1989	Monte Alegre do Sul (SP)
	Diplomata	Aves	1995	Cascavel (PR)
	Prenda	Suínos	2000	Santa Rosa (RS)
Aurora	Marafon	Suínos	1969	Chapecó (SC)
	Pepery	Suínos	1982	São Miguel do Oeste (SC)
	São Gabriel	Suínos	1996	São Gabriel do Oeste (MS)

Fonte: Goularti Filho, 2016 e Espíndola, 2002. Elaborado por Bavaresco, 2020.

Foram inúmeras agroindústrias que surgiram na região Oeste na primeira metade do século XX, além de outras regiões do país. Surgiram, não por acaso, mas em um momento em que se fazia necessário e era economicamente viável a industrialização dos produtos agropecuários da região, por consequência a criação dos frigoríficos. Deste modo, com a abertura de mais mercados exportadores e cada vez mais exigentes fez com que um número considerável de agroindústrias não conseguisse competir passando a se integrarem a empresas maiores. Além disso, vale destacar que é um movimento característico do sistema capitalista a concentração da produção que a partir dos anos 2000 foi ainda mais intensa.

Até a década de 1990 as empresas Sadia, Perdigão, Ceval, Chapecó e Aurora incorporaram mais de 50 unidades de produção e abate de suínos, bovinos e aves, além de empresas da área de grãos. Cinco agroindústrias passaram a concentrar a maior parte da produção da região, não só de suínos, mas possuindo atuação em praticamente todos os setores da agropecuária.

A partir dos anos 2000 essa concentração se torna ainda maior onde apenas quatro agroindústrias comandam o processo produtivo de suínos da região.

Quadro 2 – Centralização agroindustrial a partir dos anos 2000.

Grupo	Empresas Adquiridas	Ano
BRF	Perdigão	2012

	Sadia	
Aurora	Chapecó	2015
Bunge	Ceval	1998
JBS	Seara	2016

Fonte: Elaborado por Bavaresco. 2020.

São empresas de grande porte que possuem unidades produtivas e comerciais em diversos estados do país, atuando em vários segmentos alimentícios, além da carne suína, com produção de carne bovina, de frango e lácteos. Elas coordenam a cadeia produtiva por meio dos contratos de integração, produzindo os insumos e beneficiando os produtos finais.

O mencionado sistema ganhou impulso no oeste catarinense por conta de resultados comerciais, que, escorados no forte crescimento da demanda por alimentos, em termos gerais, asseguravam o escoamento do excedente da produção das propriedades. O suíno tornou-se, nesse processo, o principal produto comercializado pelas unidades familiares da região e, como decorrência, passou a ser a base da reprodução destas (Coletti; Lins; 2011, p. 347).

As mudanças mais significativas das agroindústrias da região começaram a ocorrer ainda nos anos de 1960, com a criação pela Sadia em Concórdia do Departamento de Fomento Agropecuário, que seria o gérmen do atual sistema de integração (Mior, 2005). Foram mudanças ocorridas na obtenção da matéria-prima. Já na questão do mercado consumidor houve a reestruturação do sistema de comercialização do Grupo Sadia com a criação de uma central de distribuição, a Sadia Comercial (Mior, 2005). Além disso, “[...] naquela década ocorrem as primeiras exportações de carne suína e bovina” (Mior, 2005, p. 121). Os anos 1960 são marcados pela diversificação dos setores produtivos das agroindústrias, a exemplo disso, a Sadia inicia o abate e beneficiamento de carnes bovinas e de aves, além da entrada no mercado da soja (Mior, 2005).

Conforme relato de Fontana (1980), fundador da Sadia, o sistema de fomento agropecuário criado nos anos 60 e organizado pela empresa era realizado com os agricultores da forma que:

Nós lhe fornecíamos as três matrizes sem despesa nenhuma por conta dele, a não ser a ração, fabricada e fornecida por nós. É evidente que o lavrador selecionado deveria aceitar essas condições com o propósito de melhorar também a sua criação de suínos própria. E, realmente, foi visto que, desde os primeiros passos com essas três fêmeas, que entregávamos mais ou menos em meia gestação, os resultados eram extraordinários (Fontana, 1980, p. 134)

Esse sistema caracterizou-se como os primeiros movimentos de instauração de um sistema organizado entre agroindústria e suinocultores que mais tarde viria a se chamar de integração. Apesar de ser um sistema que nasceu ainda nos primórdios do desenvolvimento industrial da região, só se tornou um sistema considerável a partir dos anos 90, para posterior se tornar o sistema predominante na região Oeste de Santa Catarina.

Essa forma de organização produtiva em torno da produção suinícola ganhou, cada vez mais, vigor e preponderância, se generalizando na maior parte das propriedades, formando no plano regional, fortes inter-relações entre as propriedades agrícolas (Coletti; Lins; 2011) “[...] mesmo as propriedades que não tinham na suinocultura a sua fonte direta de renda passaram a depender dessa atividade para a sua reprodução” (Coletti; Lins; 2011, p. 347).

Assim, as grandes redes ganham terreno na substituição dos esquemas tradicionais, e não só no que concerne à distribuição. Também os fornecedores são afetados, e com importantes consequências, já que o setor agroalimentar passou a operar, de um modo geral, com menos fornecedores especializados. Em muitos casos, isso significa exclusão de pequenos produtores individuais (Coletti; Lins; 2011, p. 343).

As mudanças estruturais na suinocultura podem ser discernidas temporalmente nos seguintes estágios na organização produtiva das propriedades:

Quadro 3 – Mudanças estruturais na cadeia produtiva.

1º Inicia-se ainda nos primeiros anos de colonização da região a comercialização do excedente de uma produção suinícola rústica e de tipo tradicional;
2º Ocorrem alterações significativas no sistema de manejo dos animais envolvendo, como exemplo, a troca da criação de animais soltos pelo uso de instalações fechadas, que são fruto da introdução de raças importadas, como o <i>Duroc</i> , <i>Landrace</i> e <i>Large White</i> , que são raças não aptas ao sistema tradicional. Além disso ocorre o movimento de substituição da banha como principal produto pelo aumento da produção de carne;
3º Intensifica-se a integração com as empresas, fonte de incremento na produção das propriedades implicadas;
4º Mudança para o sistema de parceria na criação de leitões;

Fonte: Coletti; Lins; 2011. Elaborado por Bavaresco, 2020.

“Até o início dos anos 80 pode-se afirmar que existia um padrão bastante homogêneo de desenvolvimento rural e regional” (Mior, 2010, p. 5). A maioria dos agricultores familiares produtores de suínos estava integrada ao mercado, cujo processo produtivo ainda se encontrava sob seu controle, gozando de uma certa autonomia decisória da produção, já que lhe cabia organizar o processo de acordo com suas

necessidades e convicções (Mior, 2010). Essa autonomia foi sendo dilacerada pouco a pouco pelas mudanças estruturais no setor alimentício mundial e principalmente pelas mudanças na organização industrial e produtiva das agroindústrias. “A presença de poderosas empresas agroindustriais, profundamente ligadas à dinâmica dos circuitos globalizados de produção e consumo corresponderia a uma típica rede vertical de desenvolvimento rural [...]” Mior, 2010, p. 6).

As mudanças tecnológicas e organizacionais introduzidas na produção suinícola começam a minar a tradicional forma de inserção da produção familiar, com maior especialização e concentração da produção. Estas transformações ocasionam a exclusão de significativo número de suinocultores familiares (Mior, 2010, p. 6).

Até os anos 1980 as políticas de suporte para a agricultura eram em sua maioria oriundas de iniciativa estatal, resultado do período político que o Brasil vivia até então em que o modelo econômico nacional se baseava na forte atuação do Estado na economia. Com o fim do regime militar, ocorreram consideráveis mudanças no modelo econômico do país, além do mais, o Brasil se desenvolvia de forma lenta nesse período pois ainda não se recuperara da crise que se alastrava desde os anos 1970. Esses fatores alinharam a política econômica nacional em viés liberal, ocorrendo o início da abertura econômica que seria ainda mais intensa nos anos de 1990.

Com essas mudanças estruturais no plano nacional o desenvolvimento industrial no interior do país passou por certo “abandono” por parte das políticas estatais, fortalecendo a iniciativa das agroindústrias, em especial do Oeste catarinense, a organizarem a gestão do território em que atuavam. Os interesses dos grupos agroindustriais, como a ampliação da produção, do número de produtores integrados, e da política de crédito, adoção de inovações tecnológicas, ampliação do emprego com inclusão social e do crescimento regional, atendiam aos requisitos ao desenvolvimento regional (Mior, 2005). “Existia um processo de incorporação de suinocultores, com incremento subsequente na produção, juntamente com o alcance de novos mercados” (Mior, 2005, p. 85).

Considera-se que até então existia um padrão bastante homogêneo de desenvolvimento rural e regional (Mior, 2005). “A maioria dos agricultores familiares estava integrada ao mercado, sobretudo, através da produção de suínos cujo processo produtivo estava, em sua maior parte, sob seu controle” (Mior, 2005, p. 86).

Com as mudanças vivenciadas nesse período começam a ocorrer disparidades sociais e elevada diferenciação no desenvolvimento dos estabelecimentos rurais, pois inúmeros produtores acabaram sendo excluídos da atividade suinícola. Os suinocultores mais capitalizados conseguiram aderir ao modelo agroindustrial ou se desenvolver por iniciativa própria, apesar disso, os menos capitalizados acabaram por abandonar a atividade iniciando outras como por exemplo a atividade leiteira, ou tiveram de migrar para as cidades. “O equilíbrio entre produção agrícola familiar diversificada, agroindústria e território passa a ser quebrado a partir dos anos 80 [...]” (Mior, 2005, p. 87). “Com este processo, a incorporação de produtores, típica do período anterior aos anos 80, dá lugar a um intenso processo de seleção/concentração/exclusão de suinocultores familiares” (Mior, 2005, p. 87).

O intenso processo de reestruturação agroindustrial, iniciado nos anos 80, prenuncia uma crise no relacionamento entre as agroindústrias e a produção familiar, com profundas repercussões no território regional. As mudanças tecnológicas e organizacionais introduzidas na produção suinícola começam a minar a tradicional forma de inserção do agricultor familiar [...] (Mior, 2005, p. 87).

Aliás, vale ressaltar que esse modelo de desenvolvimento rural organizado pelas agroindústrias gerou e continua gerando concentração produtiva em algumas propriedades com alta produção e com elevado número de animais, ocasionando consideráveis problemas ambientais, especialmente no descarte dos dejetos suínos (Mior, 2005).

[...] a emergência de uma crise na inserção socioeconômica de parte significativa da agricultura familiar, resultantes de mudanças técnicas e organizacionais introduzidas pela agroindústria convencional dominante, como a intensificação da suinocultura especializada, sobretudo nos últimos quinze anos. Essa mudança leva à intensificação da escala e, por conseguinte, à concentração da produção e, se par, a exclusão e crise de parte significativa da agricultura familiar do sistema de integração (Mior, 2005, p. 82).

A partir dos anos de 1990 se intensificam as transformações no modelo de produção, iniciadas ainda na década anterior, com o esgotamento do modelo de financiamento agrícola com subsídios estatais e a internacionalização dos mercados agrícolas impuseram novas restrições e padrões à cadeia produtiva (MIELE; MIRANDA, 2013). Além disso os anos 1990 marcam a transferência do controle acionário das empresas agroindustriais para fundos de pensão, como é o que aconteceu com a Perdigão em 1994. Houve nesse período a financeirização das empresas no mercado das bolsas de valores. Com a globalização da economia mundial “o setor agroalimentar

brasileiro passa por um intenso processo de reestruturação produtiva. Fusões, aquisições, incorporações, internacionalização e/ou desnacionalização das empresas agroindustriais foram a tônica dos anos 90” (Mior, 2005, p. 125).

A região tem se notabilizado pela importância crescente do sistema de integração agroindustrial como modelo privilegiado de articulação entre a produção familiar e as grandes empresas agroindustriais. Este modelo seria o responsável tanto pelo sucesso econômico regional como pelos crescentes problemas socioeconômicos e ambientais ressaltados pela crise vivenciada nos anos 90. Pólo de inovação tecnológica na área de produção e industrialização de suínos e aves, berço das maiores empresas do setor carnes e derivados do Brasil, modelo de articulação que possibilita a incorporação socioeconômica da produção familiar, são resultados ressaltados como positivos. Concentração econômica regional, exclusão dos pequenos produtores familiares da produção de suínos, poluição das águas pelos dejetos suínos, êxodo rural e regional, principalmente dos mais jovens, entre outros, são apresentados como os resultados menos nobres do modelo de agroindustrialização da região (Mior, 2005, p. 78).

Este dinamismo agroindustrial realizou profundas transformações socioeconômicas e ambientais no espaço rural regional, com variações no espaço e no tempo, sendo constante ao longo das relações entre os diversos atores ligados diretamente às cadeias produtivas de suínos e aves, empresas agroalimentares e produção agrícola familiar e entre estes e o estado, nos seus vários níveis (Mior, 2005), “mas sempre no sentido de fortalecer a ampliação deste complexo de atividades ligadas à produção, transformação, distribuição e consumo de proteínas animais”(Mior, 2005, p. 85).

Com relação ao seu alcance espacial da produção de suínos no Oeste catarinense, existe um processo de desterritorialização ao longo do tempo com a progressiva nacionalização e internacionalização das empresas (Mior, 2005). como pode ser visto na trajetória de crescimento da Sadia e da Perdigão. “Do ponto de vista técnico produtivo existe uma continuada busca por diversificação e sofisticação de produtos, enquanto em relação ao mercado existe uma busca crescente pelo mercado externo, como fonte de dinamismo” (Mior, 2005, p. 120).

Após esse período de progressiva desterritorialização da produção de carnes, confere-se a partir dos anos 90, um processo de reespacialização da estrutura produtiva da indústria de carnes suínas e de aves na região Sul do Brasil e, sobretudo, no Oeste catarinense (Mior, 2005). “Por processo de desterritorialização entende-se o progressivo aumento da ocupação de espaços nacionais e, mais recentemente, internacionais, de

produção e mercado por parte dessas empresas” (Mior, 2005, p. 131). O processo de reespacialização, faz parte de um movimento mais geral de reposicionamento que está influenciado pela pressão competitiva internacional, de um lado, e pela oportunidade ampliada do mercado externo, de outro (Mior, 2005).

Considera-se os seguintes movimentos no processo de reespacialização das agroindústrias de carnes nos anos 1990:

Quadro 4 – Movimento de reespacialização da produção de carnes.

• Reposicionamento das grandes agroindústrias convencionais na região Sul, visando aproveitar novas oportunidades de exportação de carnes, principalmente suínas,
• Saída das atividades de abate de bovinos e de extração de óleos e grãos;
• Desenvolvimento de segmentos especializados no fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos para a produção e industrialização de carnes na região Oeste

Fonte: Mior, 2005. Elaborado por Bavaresco, 2020.

A estratégia das grandes empresas convencionais foi e continua sendo a busca dos mercados globais e se estruturam visando atender de forma competitiva (Mior, 2005). Desta forma interessa às empresas avançar no processo de desenvolvimento tecnológico, rumo a intensificação produtiva, em que o aumento da produtividade é o objetivo maior a ser alcançado. A indústria de carnes suínas se estruturou assim ao longo das últimas décadas no Oeste de Santa Catarina e, posteriormente, em boa parte do Brasil.

3. CONCLUSÃO

As redes nos mostram e comprovam que a região Oeste de Santa Catarina é um território eminentemente agrícola. A economia regional em um todo depende direta ou indiretamente da produção agrícola, principalmente da agropecuária de produção de suínos. As redes que se organizam em torno da suinocultura apresentam grande dinamismo e integram e ao mesmo tempo excluem diferentes atores e territórios em seu processo.

Observamos que as redes que se organizam em torno da suinocultura são caracterizadas como sendo redes verticais de desenvolvimento rural (Mior, 2010), já que atuam em um setor que é organizado por agroindústrias em uma dinâmica vertical. Sendo assim, a suinocultura se organiza, na região Oeste de Santa Catarina, em torno de uma gama de sujeitos que se envolvem direta ou indiretamente no processo produtivo.

São as agroindústrias de abate, indústrias de produção genética, alimentação animal e de tecnologias, instituições de financiamento como bancos públicos e privados, além de cooperativas de crédito, órgãos governamentais de assistência técnica, sanitária e de fomento agrícola, redes de transportes, redes comerciais de atacadistas e de agricultores de pequeno, médio e grande porte.

Destacamos que durante todo o processo de desenvolvimento da suinocultura na região ela foi desde os primórdios, uma atividade organizada em redes, ou seja, desde sua gênese dependeu de outros sujeitos e atividades para se desenvolver e se reproduzir.

Com o desenvolvimento do setor, a suinocultura passa cada vez mais a ser dirigida pelas agroindústrias, transformando significativamente a dinâmica do setor e das relações em redes. Deste modo o suinocultor que mantinha relações frequentes com outros agentes e setores passam a ter relações reduzidas já que a agroindústria passa a intermediar esse processo.

Concluimos ainda que a suinocultura do Oeste catarinense é pautada em um modelo de desenvolvimento organizado pelas agroindústrias que apesar de garantiram a reprodução do setor suinícola na região, contribui para o intenso processo de concentração produtiva e exclusão de inúmeros agricultores familiares da produção.

4. REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 21 ed, revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

COLETTI, Tomé; LINS Hoyêdo Nunes. A suinocultura no vértice das relações entre agroindústria e agricultura familiar no oeste de Santa Catarina. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 339-360, nov. 2011. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2464/2980> acessado em 23/04/2020.

DIAS, Leila Christina. **Redes: Emergência e Organização**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA; Roberto Lobato. Geografia: Conceitos e Temas. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

FONTANA, Attilio. **História da minha vida**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. 3 ed. rev. Florianópolis: editora da UFSC, 2016.

MIELE, Marcelo; MIRANDA, Cláudio Rocha de. O Desenvolvimento da agroindústria brasileira de carnes e as opções estratégicas dos pequenos produtores de suínos do Oeste Catarinense no início do século 21. DF: **Centro de Gestão e Estudos**

Estratégicos – CGEE, 2013. p. 201-231. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/96717/1/final6926.pdf> acessado em: 27/04/2020.

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores Familiares, Agroindústrias e Redes de Desenvolvimento Rural**. Chapecó: Argos, 2005. 338p

MIOR, Luiz Carlos. Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial. In: VIEIRA, P. F.; CAZZELA, A.; CERDAN, C.; CARRIÈRE, J. P. (Org.). **Desenvolvimento Territorial Sustentável: subsídios para uma política de fomento**. Florianópolis, SC: Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino em Ecologia e Desenvolvimento (APED), 2010. p. 235-257.

REDES GEOGRÁFICAS DE LA PORCICULTURA EN EL OESTE DE SANTA CATARINA

Resumen

Este artículo es el resultado de nuestra investigación de maestría en el Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Estatal del Oeste de Paraná (UNIOESTE), cuyo objetivo fue comprender los cambios y las continuidades de la porcicultura en la región oeste de Santa Catarina a lo largo del tiempo. Entre los aspectos analizados, buscamos identificar la formación de redes geográficas que influyen en la porcicultura en el oeste de Santa Catarina. Este artículo forma parte de nuestra tesis de maestría y se justifica por la importancia de la porcicultura en la dinámica económica, social, política y cultural de la región en estudio. El trabajo se basa metodológicamente en una revisión bibliográfica sobre el tema.

Palabras Clave: Redes; Porcicultura; Oeste de Santa Catarina.

GEOGRAPHIC NETWORKS OF PIG FARMING IN WESTERN SANTA CATARINA

Abstract

This article is the result of our master's research in the Graduate Program in Geography at the State University of Western Paraná (UNIOESTE), which sought to understand the changes and continuities in pig production in the western region of Santa Catarina over time. Among the aspects analyzed, we sought to identify the formation of geographic networks that influence pig production in western Santa Catarina. This article is part of our master's thesis and is justified by the importance of pig farming in the economic, social, political, and cultural dynamics of the region under study. The work is methodologically based on a literature review on the topic.

Keywords: Networks; Pig Farming; Western Santa Catarina.

Recebido em: 28/07/2023

Aceito em: 31/12/2024